

# Competências básicas para um mundo complexo

09 SET 1998 O GLOBO

VANILDA PAIVA, NILMA FONTANIVE e  
RUBEN KLEIN

**A** expressão analfabetismo funcional entrou em moda nos anos 60, quando se pretendeu alfabetizar no interior das fábricas, de modo a estar seguro da utilização das habilidades aprendidas. A principal razão para isso foi o fracasso das campanhas maciças de alfabetização de adultos lançadas pelo mundo afora desde os anos 40. Algumas delas, como foi o caso da Costa Rica, mostraram regressão ao analfabetismo por desuso de até 95% dos participantes de cursos de alfabetização sem posterior continuidade.

Nos últimos anos, porém, a expressão analfabetismo funcional foi ganhando conotação diferente. As transformações propiciadas pelas sucessivas revoluções tecnológicas, pela mundialização do capital e reordenamento político correspondente ressuscitaram o conceito em torno a uma generalizada revalorização da educação fundamental. A complexidade do mundo de hoje exige homogeneidade na formação básica da população num patamar que já não é aquele da alfabetização pura e simples, além de afastar o formalismo dos diplomas em favor do domínio de competências reais e passíveis de serem comprovadas na vida diária.

Assim, embora países como o Brasil ainda mostrem índices de cerca de 15% de analfabetismo absoluto, concentrado na Zona Rural e na população mais idosa, o tema deslocou-se para outro plano. Demanda-se hoje, como parte da alfabetização, a capacidade de entender textos complexos, comunicar-se corretamente por escrito, conhecer as operações matemáticas diversas e complexas requeridas não apenas pela produção e pelas variadas e instáveis formas de inserção no mundo do trabalho, mas pelo consumo e pelas novas possibilidades de comunicação.

No início da década os Estados Unidos concluíram que 25% de sua população jovem e adulta, devidamente escolarizada, eram funcionalmente analfabetos e este índice não tem parado de crescer. Fenômeno análogo ocorreu na Europa e um grande "projeto do Norte" de medição de competências, de caráter comparativo, foi acionado como instrumento de definição de políticas futuras. Ele é parte de

tendência mais ampla de avaliação de desempenho capaz de permitir a comparação dos conhecimentos disponíveis entre habitantes de países que integram novos aglomerados político-econômicos e de facilitar a validação de diplomas e cursos.

Graças ao apoio do CCDT/CNPq e da Finep foi possível realizar no Brasil, desde 1995, o projeto elaborado por Isabel Infante, no Chile, e que, seguindo parâmetros do "projeto do Norte", respeitava características latino-americanas. Aplicado entre nós com pequenas adaptações, seus sete itens (questões) do teste preliminar e os 29 do teste principal foram traduzidos. Os procedimentos estatísticos permitiram hierarquizar itens testados e respectivas competências, assegurando a possibilidade de comparação continental. Foram, porém, acrescentados aspectos qualitativos a respeito da utilização das habilidades, leitura, escrita e cálculos rudimentares entre a população de áreas escolhidas na Grande São Paulo.

Trata-se da primeira aplicação de provas cognitivas em domicílios realizada no Brasil. Dos mil entrevistados em São Paulo somente 671 formaram a amostra efetiva por terem acertado todo o teste preliminar. Entre estes, 67% não ultrapassaram os níveis 1 e 2 de dificuldade nas habilidades, numa escala de 1 a 4. Ficou patente que a população testada precisava do Primeiro Grau completo para resolver questões que envolvem textos esquemáticos, o Segundo Grau incompleto para assimilar adequadamente o conteúdo dos textos em prosa e o Segundo Grau completo para textos com informação numérica. Enfim, esta pesquisa permitiu concluir que são necessários muitos anos de escolaridade para resolver questões elementares e que a escola encontra-se muito descolada da vida quotidiana e profissional.

Os homens saíram-se melhor que as mulheres, em especial nos textos com informações numéricas. Mas nenhuma linearidade pode ser observada no que concerne à idade. Homens de 45 a 54 anos, mesmo com menor escolaridade, apresentaram maior competência em

matemática — indicando que experiência de vida é favorável ao domínio de habilidades numéricas. Esta mesma faixa etária, porém, entra em desvantagem no pré-teste e em habilidades ligadas à prosa e aos documentos. De qualquer modo, a pesquisa reafirmou a correlação entre escolaridade e proficiência.

Uma outra vertente deste tipo de pesquisa foi aplicada nas cidades do Rio de Janeiro e de Campinas. Contando também com o apoio da Fundação Ford, viou a medir que competências básicas eram disponíveis na população jovem e adulta. A originalidade desta pesquisa, cuja coleta empírica se iniciou 1996, reside não só no fato de ter utilizado técnicas amostrais probabilísticas, tornando seus resultados válidos para toda a população de 15 a 55 anos das cidades testadas, mas também por ter adotado uma metodologia que envolveu a confecção de um grande número de itens (questões). Foram elaborados 900 itens em prosa, poesia, documento e quantitativo, dos quais 321 foram utilizados num sistema de planejamento matricial de itens reunidos em blocos formando cadernos entrelaçados (o chamado BIB espiral). Tais cadernos permitiram testar a população com todos os itens escolhidos, embora cada indivíduo só respondesse a 27 deles e o conjunto dos procedimentos permitiu a validação dos 321 itens.

Adotou-se também a Teoria da Resposta do Item (TRI) na identificação de três parâmetros básicos para classificar os itens e construir escalas de proficiência para dentro delas posicionar o desempenho de cada entrevistado. Vale notar que esta foi a primeira vez que, no Brasil, foi utilizada toda esta metodologia (BIB espiral e TRI) numa amostra domiciliar. Ela havia sido usada nos Estados Unidos em 1993 e na Europa em 1995 no International Adult Literacy Survey, patrocinado pela OECD.

Foram sorteados 2.455 domicílios no Rio de Janeiro e 2.356 em Campinas. No Rio de Janeiro, considerando perdas de domicílios fechados, não habitados, demolidos etc., foram efetivamente visitados 2.111. Nestes, foram realizadas 1.136

provas em pessoas da faixa etária pesquisada. Em Campinas foram visitados 1.912 domicílios e realizadas 921 provas, num total de 2.057 provas válidas nas duas cidades.

A escala de desempenho dos jovens e adultos testados apresenta um contínuo no qual são ordenadas as proficiências dos indivíduos. Nesta pesquisa foram colhidos três níveis da escala para descrever o que os entrevistados souberam e foram capazes de fazer respondendo aos itens. E, embora a proficiência cresça nas três escalas à medida que se eleva a escolaridade, os resultados mostram que entre 69% e 81% da população de 15 a 55 anos das cidades testadas encontram-se no nível mais baixo das escalas de prosa, documento e da área quantitativa. Isto significa que a maioria da população naquela faixa de idade, num texto informativo simples, somente reconhece o tema, não sendo capaz de diferenciar um fato narrado de uma opinião contida no texto, além de não ser capaz de localizar uma informação em textos de mais de 30 linhas.

Significa também que consegue somar números inteiros e quantias na moeda em uso, mas não faz adição e subtração de números decimais nem de quantias quando há reserva (resto), embora logre comparar preços e interpretar tabelas simples, como as que se encontram em supermercados.

De modo geral profissionais, como engenheiros, gerentes e funções técnicas científicas, enquadram-se no nível superior da escala, sendo capazes de interpretar dados em textos complexos, anúncios e gráficos, além de logarem fazer subtração com reserva, trabalhar com decimais, comparar números relativos e estimar áreas de retângulos. Em todas as escalas os homens tiveram desempenho superior às mulheres, especialmente na área quantitativa. Também apresentaram melhor desempenho os brancos se comparados a pretos e pardos, mostrando influência da cor — o que sugere efeitos da discriminação e da posição sócio-cultural e econômica de pretos e pardos nesta sociedade.

O desempenho nas provas cresce de forma consistente com a renda familiar — a partir de R\$ 220 no Rio de Janeiro e de R\$ 400 em Campinas. Quanto à relação entre escolaridade e proficiência ela é consistentemente positiva em Campi-

nas, mostrando-se débil no Rio de Janeiro. Maior proficiência em prosa e na área quantitativa aparece nesta cidade entre segmentos com até quatro anos de escolaridade, se comparados aos que possuem entre cinco e oito anos de freqüência à escola. Resultado igualmente desconcertante foi encontrado no Rio de Janeiro nos documentos, onde o segmento com escolaridade entre cinco e oito anos mostrou melhor desempenho que aqueles com curso médio e mesmo superior.

A baixa consistência entre escolaridade e desempenho no Rio de Janeiro revela a precariedade qualitativa do sistema de ensino e ressalta a importância da condição de vida como fator determinante da fixação dos conhecimentos. No entanto, esta não é uma peculiaridade nossa: dados análogos aparecem nos resultados de pesquisa realizada nos Estados Unidos pelo Educational Testing Service (ETS) em 1994, onde 25% dos entrevistados com curso superior foram classificados no nível mais elementar de conhecimentos, enquanto 25% dos egressos de cursos médios alcançaram níveis superiores.

Tais resultados reforçam a convicção de que muitos anos de boa escolaridade são necessários para a assimilação de competências básicas entre nós. Mesmo os resultados obtidos em São Paulo podem-se inferir que quatro anos de escolaridade não são suficientes, elevando-se este patamar a seis/sete anos. Reforça-se a idéia de que é preciso investir na qualidade do ensino, até mesmo porque o mundo contemporâneo exige habilidades complexas, capacidade de abstração, de realização de inferências, pensamento prospectivo.

Num mundo em que o emprego torna-se mais precário e mais raro, mais do que cursos profissionais rápidos, jovens e adultos precisam de uma formação de base ampla e de caráter geral sobre a qual possam enfrentar a gangorra social e profissional. Ela demanda de cada um flexibilidade suficiente para mudar de profissão ao longo da vida e enfrentar situações marcadas pela instabilidade e pela necessidade constante de adaptação.

VANILDA PAIVA é doutora em educação pela Universidade de Frankfurt-Mein, NILMA FONTANIVE é mestre em educação pela PUC RJ e RUBEN KLEIN é doutor em matemática pelo MIT